

ESTUDIOS DE HISTORIOGRAFÍA LINGÜÍSTICA

Editado por

TERESA BASTARDÍN CANDÓN
MANUEL RIVAS ZANCARRÓN

Director

JOSÉ MARÍA GARCÍA MARTÍN



Universidad
de Cádiz

Servicio de Publicaciones

HISTORIOGRAFÍA LINGÜÍSTICA

Edición por
TERESA BASTARDELL CARRERAS
MÁRQUEZ RIVAS Y LAMARCA
Diseño
JOSÉ MARÍA GARCÍA MARTÍN

Primera edición: septiembre 2009

Edita: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz
c/ Doctor Marañón, 3 11002 Cádiz (España)
www.uca.es/publicaciones
publicaciones@uca.es

© Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz
© Los autores.

ISBN: 978-84-9828-243-6
Depósito Legal: SE-3975-2009

Imprime: Grafitrés, S.L. Utrera (Sevilla)

«Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Repográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra»

A PRIMEIRA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (LUGDUNI 1672)

GONÇALO FERNANDES

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Centro de Estudos em Letras

I. INTRODUÇÃO

Bento Pereira¹ é um cultor das humanidades do século XVII português. Nasceu em Borba, em 1605, e, com apenas quinze anos de idade, entra para a Companhia de Jesus, concluindo o noviciado em Lisboa. Em 1622, começa os estudos humanísticos no Colégio das Artes em Coimbra e, em 1628, termina o curso de Filosofia em Évora, leccionando na Universidade de Évora² as disciplinas de Humanidades e Retórica, entre 1628 e 1633. Nesta fase, publica *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum Lusitanum et Castellanium digesta* (Évora, 1634, com licença de 1633). A partir deste ano (1633), começa os estudos teológicos, doutorando-se em 1647 e leccionando Teologia sensivelmente até 1670. De permeio, publica as *Regras Gerays, breves, e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, e Portuguesa, para se ajuntar á Prosodia* (Lisboa, 1666, licença de Dezembro de 1664) e a *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda* (Lugduni, 1672, licença

¹ Para mais detalhes da sua biobibliografia, veja-se, v.g.: Verdelho (1993: 783-784).

² A Universidade de Évora (*Universidade do Espírito Santo*) foi criada, em 1559, pelo Cardeal D. Henrique e esteve sob as ordens dos jesuítas até 1759, data em que o Marques de Pombal a encerrou e expulsou a Companhia de Jesus de Portugal.

de Julho de 1669). Entre 1670 e 1672, é o revisor geral da Companhia de Jesus e Reitor do Seminário dos Jesuítas Irlandeses em Lisboa. Bento Pereira morre em Évora, em 1681.

Bento Pereira não é, *strictu sensu*, um gramático nem um ortógrafo nem um lexicógrafo, mas, fundamentalmente, um homem das letras e um pedagogo. Procurou sempre, ao longo da sua vida, elaborar manuais que satisfizessem as necessidades de ensino-aprendizagem, particularmente, da língua portuguesa, uma vez que ainda não havia, em Portugal, uma disciplina que ensinasse a língua materna (ou gramática portuguesa), facto que se veio a verificar apenas um século depois, concretamente em 1770, por Alvará Régio de 30 de Setembro³. Também não nos parece despiçando que Bento Pereira tenha vivido na monarquia filipina (até 1640) e sob as ordens da casa de Bragança.

³ Alvará Régio sobre a ordenação das classes de Latinidade, de 30 de Setembro de 1770: "EU EL REY Faço saber aos que este Alvará virem, que em Consulta da Real Meza Censoria me foi presente, que sendo a correccção das linguas Nacionaes hum dos objectos mais attendíveis para a cultura dos Póvos civilizados, por dependerem della a clareza, a energia, e a magestade, com que devem estabelecer as Leis, persuadir a verdade da Religião, e fazer uteis, e agradaveis os Escritos: Sendo pelo contrario a barbaridade das linguas a que manifesta a ignorancia das Nações; e não havendo meio, que mais possa contribuir para polir, e aperfeiçoar qualquer Idioma, e desterrar d'elle esta rudez, do que a applicação da Mocidade ao estudo da Grammatica da sua propria lingua; porque sabendo-a por principios, e não por mero instincto, e habito, se costuma a fallar, e escrever com pureza, evitando aquelles erros, que tanto desfiguram a nobreza dos pensamentos, e vem a adquirir-se com maior facilidade, e sem perda de tempo a perfeita intelligencia de outras differentes linguas, pois que tendo todas principios communs, acharão nellas os principiantes menos que estudar todos os rudimentos, que levarem sabidos na Materna; de sorte que o referido methodo, e espirito de educação foi capaz de elevar as linguas Grega, e Romana ao grão de gosto, e perfeição, em que se víram nos formosos Seculos de Athenas, e Roma, e que bem testemunham as excellentes, e inimitaveis Obras, que delles ainda nos restam: Conformando-me Eu com o exemplo destas, e de outras Nações illuminadas, e desejando, quanto em Mim he, adiantar a cultura da lingua Portugueza nestes meus Reinos, e Dominios, para que nelles possa haver Vassallos uteis ao Estado: Sou servido ordenar que os Mestres da lingua Latina, quando receberem nas suas Classes os Discipulos para lha ensinarem, os instruem previamente por tempo de seis mezes, se tantos forem necessarios para a instrucção dos Alumnos, na Grammatica Portugueza, composta por Antonio José dos Reis Lobato, e por Mim approvada para o uso das ditas Classes, pelo methodo, clareza, e boa ordem, com que he feita. E por quanto me constou, que nas Escolas de ler, e escrever se praticava até agora a lição dos processos litigiosos, e sentenças, que sómente servem de consumir o tempo, e de costumar a Mocidade ao orgulho, e enleios do Foro: Hei por bem abolir para sempre hum abuso tão prejudicial"

sofrendo óbvias influências de gramáticos espanhóis, especialmente na sua formação inicial —Recorde-se que, em 1640, Bento Pereira tinha 35 anos, e os intercâmbios culturais, científicos e pedagógicos entre Espanha e Portugal eram frequentes, para além de que, como jesuíta, tinha acesso a todos os colégios da Companhia de Jesus.

Como jesuíta, Bento Pereira seguia as instruções da *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*⁴ ou, como ficou conhecida, da *Ratio Studiorum*, “promulgada por circular de 8 de Janeiro de 1599” (Torres, 1998: 86), onde se propugnava o ensino do Latim pela gramática do P.e Manuel Álvares, *De institutione Grammatica Libri Tres* (Lisboa, 1572)⁵, e adoptada em todos os colégios jesuítas. A língua de transmissão aí defendida era o Latim, a nosso ver por três razões fundamentais (Fernandes, 2002: 325-326): 1.^a) internacionalização da sua gramática, para servir para todos os colégios jesuítas; 2.^a) o Latim era, nessa altura, uma língua viva, a língua franca de comunicação internacional (Ponce de León, 2000: XLIV); e 3.^a) a apologia do uso do Latim como metalíngua para o ensino-aprendizagem das ciências, em geral, e do Latim, em particular.

Na primeira metade do século XVII, esta metodologia iria ser profundamente alterada em Portugal, em virtude especialmente de as obras de Pedro Sanches (1610), parente de Francisco Sánchez de las Brozas, e de Amaro de Roboredo (1615-1625) terem sido redigidas em Português e de os seus autores defenderem o uso da língua materna como metalíngua. Este facto motivou que outros gramáticos escrevessem as suas obras em Português, como, por exemplo, Bartolomeu Rodrigues Chorro (1619), Domingos de Araújo (1627), Frutuoso Pereira (1636), João Nunes Freire (1644) e António Franco (1699) (cf. Ponce de León, 1996 e 2001).

2. O(S) DESTINATÁRIO(S) DA *ARS GRAMMATICÆ*

O jesuíta seiscentista Bento Pereira, apesar de ter escrito em Português o *Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portugueza* (Lisboa, 1655), e as *Regras geraes, breves e comprehensivas da mel-*

⁴ “Ordem e Metodologia dos Estudos da Companhia de Jesus”

⁵ Sobre a *De institutione Grammatica Libri Tres* de Manuel Álvares, veja-se: Ponce de León (2000 e 2005).

hor orthographia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina e portugueza (Lisboa, 1666), sentiu necessidade de produzir uma gramática da língua portuguesa especialmente para os estrangeiros que quisessem aprender o idioma luso. Por isso, também como Álvares, fê-lo directamente em Latim, a então língua de comunicação global. Denominou-a *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda Latino Idiomate proponitur, in hoc libello, velut in quadam academiola divisa in quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispertitis, ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint*⁶ e foi publicada em Lyon, em 1672, exactamente um século depois da *De Institutio Grammatica Libri Tres* de Manuel Álvares, recorde-se que, nesta época, Bento Pereira era o revisor geral da Companhia de Jesus e o Reitor do Seminário dos Jesuítas Irlandeses em Lisboa, tendo de conviver, por isso, com muitos estrangeiros. Ainda no título está registado que, no final da gramática, há um excurso sobre a ortografia portuguesa: *Ac finem ponitur Ortographia, ars recte scribendi, ut sicut prior docet recte loqui, ita posterior doceat recte scribere linguam Lusitanam. In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent*⁷

Este facto —de ter escrito a gramática e, especialmente, a ortografia portuguesa em Latim— acarretou-lhe, acérrimas críticas, particularmente na reforma pombalina, cerca de um século depois, por, por exemplo, de Luís António de Verney (1747) e de António José dos Reis Lobato (1770) (Fonseca, 2006: 160):

E tomara que me dissessem (...) por que razão se haja de carregar a memória dos pobres estudantes com uma infinidade de versos latinos, e outras coisas que não servem para nada neste mundo. Chega este prejuízo a tal extremo, que o P.e Bento Pereira escreveu uma Ortografia Portuguesa em Latim (Verney, 1949-52[1747]: 141).

⁶ “A Arte de Gramática para se aprender a Língua Portuguesa publica-se no idioma Latino, por este livro, assim como em qualquer escola, dividida em cinco classes, ordenadas pelos graus, distribuídas pela ordem correcta, para que possam ser frequentadas por todos, tanto os nativos como os estrangeiros”

⁷ “E no fim coloca-se a Ortografia, a arte de escrever correctamente, para que, do mesmo modo que, primeiro, ensine a falar bem, assim também, depois, [ensine] a escrever correctamente a língua portuguesa. Para reconhecimento dos Italianos, as conjugações italianas correspondem às Portuguesas”

Da Arte do P. Bento Pereira, impressa em Londres [sic] no anno de 1672, podia deixar de fallar por duas razões: 1.º Por ser escrita na lingua Latina, por cuja razão só pôde servir para aquelles, que tiverem ciência da dita lingua: 2.ª Por se achar este Author reprovado por Sua Magestade Fidelissima; porém como poderão dizer, que a reprovação só cahe sobre a Prosodia Latina do mesmo Author, e não sobre a dita Arte, se me faz preciso mostrar-lhes, que se esta não está reprovada, o estão algumas das suas doutrinas, por serem as mesmas, que seguiu o P.e Manoel Alvares na sua Grammatica Latina, de que Sua Magestade Fidelissima prohibio o uso nas escolas (Lobato, 2000[1770]: 127-128).

Para além da referência ao título, na dedicatória *Ad Mariam semper virginem Dei matrem*, Bento Pereira é claro quanto ao público preferencial desta obra: “Meus iste liber nuncupatur *Ars Grammaticæ* pro Lusitanorum lingua ab exteris nationibus addiscenda”⁸ (Pereira, 1672: “ad Mariam”, ã 4 r.). E justifica-o com a propagação da fé católica entre os povos “bárbaros” e incultos, “ut quicumque velint Lusitanam linguam addiscere, possint in omni vastissima Lusitanorum ditone inter barbaras, & incultas nationes Christianas fidei esse propagatores”⁹ (ibídem: “ad lectorem”, ã 5 r.). Também no Prefácio “Ad lectorem”, Bento Pereira, para além da evangelização dos infiéis, acrescenta o comércio como condição básica para o uso do Português como língua de comunicação e aproximação entre os povos:

Cum vero in me patriæ amor, frigescente ætate non frigeat, sed magis ac magis exardescat, hoc potissimum tempore, quo vídeo Lusitanam, postquam feliciter pugnavit, pace, quam libens concessit, quiescere, habereque commercium cum omni natione quæ sub coelo est, et Christiano nomine gloriatur, vehementer dolui carere Lusitanos arte, qua suam linguam exteris addiscendam proponant.

Est enim perspicuum in spiritualibus, et temporalibus sperari maximum emolumentum ex facilitate addiscendæ nostræ linguæ, ut exteri, sive mercatores suis opibus nos distent, et nostris ditentur, sive concionatores pervadant usque ad fines Orbis, seu Lusitani imperii, ubi nationes barbaras veris Evangelii divitiis locupletent¹⁰ (ibídem: “ad lectorem”, ã 6 v.).

⁸ “Este meu livro chama-se Arte de Gramática da língua dos Portugueses para ser aprendida pelas nações estrangeiras”

⁹ “de modo a que todos aqueles que queiram aprender a língua Portuguesa, possam ser propagadores da fé Cristã em todo o vastíssimo império dos Portugueses entre as nações selvagens e incultas”

¹⁰ “Como não se me esfria o amor da pátria, embora se arrefeça a idade, mas mais e mais se incendeia, sobretudo neste tempo em que vejo que Portugal, depois que lutou venturosamente, está em paz, que concedeu de bom grado, e estabeleceu o

É claro que esta gramática se destinava também aos Portugueses, ainda que não fosse este o seu primeiro público. Bento Pereira di-lo quer no título da obra (*"ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint"*), como já fizemos referência, quer no prefácio ao leitor, logo no primeiro parágrafo:

En Candide Lector, qui olim juvenis nondum attingens trigesimum ætatis annum concinnavi Prosodiam, modo senex tribus jam annis excedens sexagesimum concinnavi Lusitanæ linguæ Grammaticam, quam tibi, si exter fueris, addiscendam, si domesticus, corrigendam offero¹¹ (ibidem: "ad lectorem", ã 6 r.).

Não é, contudo, este o seu primeiro destinatário, pois "com esta palavra ["domesticus"] o autor apenas pretendia indicar que, de facto, ela servia igualmente para os compatriotas que, sabendo latim, quisessem utilizá-la" (Gomes, 1944: 650).

Esta ideia volta a ser reforçada na última parte ("classis V") da *Ars Grammaticæ* quando afirma, por exemplo, que

Nobis in hac Lusitana Grammatica sermo non est de syllabis in ordine ad pangenda carmina, sed solum in ordine ad erudiendos tum domesticos, tum externos circa quantitatem syllabarum, ut scilicet juxta certas normas de recta pronuntiatione, noscant Lusitana vocabula apte producere, vel corripere, quando pronuncient¹² (Pereira, 1672: 204).

comércio com toda a nação que está sob o firmamento, e glorifica com o nome de Cristo, dói-me muito que os portugueses careçam de uma arte com a qual apresentem a sua língua aos estrangeiros para ser aprendida.

É, pois, evidente que, quer no espiritual quer no laico, se espera um maior proveito na facilidade de aprender a nossa língua, para que quer os comerciantes estrangeiros nos enriqueçam com os seus bens e se enriqueçam com os nossos, quer os pregadores vão até aos confins da terra ou do império lusitano, onde as nações bárbaras se enriquecem com os bens verdadeiros do Evangelho"

¹¹ "Eis benévolo leitor, aquele que outrora jovem ainda não atingindo trinta anos de idade compus a Prosódia, somente velho excedendo em três anos o sexagésimo compus a Gramática de Língua Portuguesa, que te ofereço, se fores estrangeiro, para que a aprendas, se nacional, a corrijas"

¹² "Nesta Gramática Portuguesa não temos o discurso acerca das sílabas em ordem a fazer versos, mas só em ordem para os que ensinam, tanto nacionais como estrangeiros, sobre a quantidade das sílabas, de modo a que, por exemplo, a par de certas normas sobre a correcta pronúncia, saibam produzir correctamente ou adulterar os vocábulos Portugueses quando [os] pronunciem"

Nesta citação o autor refere que o seu objectivo principal não é ensinar a fazer poesia, mas apenas mostrar, tanto aos portugueses como aos estrangeiros, a quantidade das sílabas, para que as palavras possam ser bem pronunciadas. No entanto, no prólogo “ad lectorem” havia referido que era muito difícil ensinar estrangeiros a falar bem o Português e que qualquer criança de sete anos de idade detecta os erros da sua língua materna e ri-se deles:

Credo enim æque difficile dare normas veras loquendi alicui nationi, ac est facile arguere falsitatis illas quæ a vero deviant. Nam si peritissimi, etiam post multum laborem possunt in dândis normis errare: imperiti, imo & pueri septennes possunt linguæ maternæ errores deprehendere, & irridere¹³ (ibídem: “ad lectorem”, ã 7 r.).

3. *ARS GRAMMATICÆ PRO LINGUA LUSITANA ADDISCENDA*

A *Ars Grammaticæ* é uma gramática normativa e o método é unicamente o dedutivo e expositivo. Bento Pereira não dá quaisquer explicações sobre a sua estrutura nem a sua ordenação e raramente faz menção a outros gramáticos e autores, apenas, uma ou outra vez, a Marco Varrão (177¹⁴) e o P.e António Vellez (185¹⁵, 189¹⁶). O autor estabelece algumas comparações com outras línguas, quase sempre com o Latim, mas também frequentemente com o Castelhana e, nas conjugações verbais, apresenta a tradução italiana, inexplicavelmente,

¹³ “Acredito pois que é igualmente difícil dar normas verdadeiras de falar a alguma nação, e é fácil convencer de falsidade aquelas que se afastam da verdade. É que se os habilíssimos também podem errar, depois de muito trabalho, nas regras dadas: os ignorantes, pelo contrario, e as crianças com sete anos de idade podem reconhecer os erros da língua materna, e ri-se [deles]”

¹⁴ “Marcus Varro Grammaticus antiquus derivationes partitur in voluntarias & naturales” (ibídem: 177).

¹⁵ “Quamvis apud Latinos genus sit triplex, masculinum, fæmininum, & neutrum, sub quibus alia continentur, tamen apud Lusitanos (ut notavit P. Vellez in commen. Artis ad regulam Respicimus fines &c.) genus est duplex, masculinum, & foemininum, sicut in lingua Hebræa, Chaldaica, & Africana” (ibídem: 185).

¹⁶ “Quamvis in lingua Latina nomina quæ significant insulas, províncias, civitates, naves, & poesies sint generis foeminini cum exceptionibus, quas quas assert P. Vellez in Commen. regularum generis, ad regul. Insula foeminea, &c. tamen in lingua Lusitana observabitur sequens regula, quae longe diversa est” (ibídem: 189).

porque está completamente apartado do restante da obra, mas anuncia-se no título: "*In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent*"

A *Ars Grammaticæ* está dividida em 5 secções ("classes"), cada uma das quais com um número variável de divisões / "cadeiras" ("subsellia"), até à página 230, e dois excertos finais: um acroama¹⁷ moral (231-285) e a *Orthographia Lusitana* (286-323), acrescida de um índice temático remissivo.

A "Classis I" ("De nominibus, & eorum declinationibus"), constituída por 34 páginas, é dedicada à fonética e à morfologia portuguesas, particularmente sobre o alfabeto português e o substantivo. Embora mantendo os seis casos das línguas clássicas, defende que os nomes, substantivos ou adjectivos, não têm variação e o caso é definido pela preposição ou "partícula" que lhe antecede:

Nomina Lusitana quamvis in se ipsis nullam habeant diversitatem casuum, sicut habent pronomina (...) accipiunt tamen quandam veluti extrinsecam diversitatem casuum a particulis a, o, ao: as, os, aos: de, da, do dos: & a propositionibus na, no nas, nos: pêra, em, com sem, quæ regulariter ponuntur ante prædicta nomina, & absque ulla variatione intrinseca faciunt illa æquipollere nominibus Latinorum casus diversos per intrinsecam mutationem habentibus jam in numero singulari, quam in numero plurali¹⁸ (ibidem: 18).

A "Classis I" tem 8 "subsellia" distribuídos da seguinte forma:

Subsellium I	Exponuntur literæ, ipsarum natura, & pronunciatio.	1-5
Subsellium II	Quæ sit nominis natura, & multiplicitas?	5-10
Subsellium III	De nominibus Lusitanis absolute acceptis: ipsorumque numero singulari & plurali.	10-12

¹⁷ Acroama é uma lição para iniciados. Deriva do grego ἀκροαμα, ἀκροα e significava um interlúdio instrumental de carácter jovial, geralmente durante uma refeição ou uma ocasião festiva.

¹⁸ "Os nomes portugueses ainda que em si próprios não tenham nenhuma diversidade de casos, como têm os pronomes (...), recebem, contudo, igualmente uma certa diversidade de casos com as partículas a, o, ao: as, os, aos: de, da, do dos: e com as preposições na, no nas, nos: pêra, em, com sem, que se colocam normalmente ante os declarados nomes, e sem nenhuma variação intrínseca fazem-nos equivaler aos nomes dos Latinos que têm casos diferentes por mutação intrínseca tanto no número singular como no número plural"

Subsellium IV	De vocibus quæ nominis naturam imitantur, qualia sunt Participia, Pronomina, & Similia.	13-17
Subsellium V	Quid sit declinatio: & qualiter se habeat in vecibus prædictis?	17-20
Subsellium VI	De terminatione nominum substantivorum apud Lusitanos.	20-26
Subsellium VII	De terminatione nominum adjectivorum apud Lusitanos.	26-29
Subsellium VIII	De nominibus anomalis seu inæqualibus apud Lusitanos & de ipsorum prænominibus, & cognominibus.	29-33

A “Classis II” (“De verbis, & eorum conjugationibus”) preenche mais de metade de toda a gramática (143 páginas) e é dedicada à morfologia das 3 conjugações dos verbos portugueses. Para Bento Pereira, o verbo “est part orationis, quæ modos & tempora habet: neque in casus declinatur”¹⁹ (ibídem: 34), divide-se em: pessoal e impessoal; activo, passivo e neutro, e tem cinco modos (indicativo, imperativo, optativo, conjuntivo e infinitivo) e, no indicativo, tem 6 tempos, dois supinos, quatro participios e três gerúndios. Esta “classis” está dividida em 9 “subsella”.

Subsellium I	De verbis Lusitanis in genere: eorum modus, temporibus, ac personis.	33-39
Subsellium II	De verbo <i>Sou</i> , ou <i>Estou</i>	39-52
Subsellium III	Observationes circa verbum <i>Sou</i> , ou <i>Estou</i> , tum peculiares, tum pertinentes ad reliqua verba.	52-59
Subsellium IV	De verbis generalibus, & auxiliaribus <i>Ey</i> , <i>has</i> , <i>ha</i> . <i>Tenho</i> , <i>tens</i> , <i>tem</i> .	59-71
Subsellium V	De conjugationibus Lusitanis ad quas omnia verba Lusitana reducuntur.	71-76
Subsellium VI	De verbis primæ conjugationis, & ipsorum exemplari in voce activa.	76-95
Subsellium VII	De verbo passivo primæ conjugationis, & participiis activis & passivis: ac formationibus eiusdem conjugationis.	95-114
Subsellium VIII	De verbis secundæ, & tertiæ conjugationis in activa, & passiva.	114-171
Subsellium IX	De verbis anomalis, & ipsorum formationibus.	171-175

¹⁹ [O verbo] “é uma parte da oração, que tem modos e tempos: e não se declina em casos”

A “Classis III” (“De dictionibus Lusitanis absolute acceptis: & de illis quæ nec sunt nomina, nec verba”) é o capítulo mais pequeno de toda a gramática (apenas 10 páginas) e apresenta as outras “partes orationis” que não são verbos nem nomes: advérbios, preposições, conjunções e interjeições:

Subsellium I	De vocibus Lusitanis absolute acceptis.	175-177
Subsellium II	De adverbio quoad naturam & multiplicitem.	178-181
Subsellium III	De præpositione, conjunctione, interjectione, comparatione, & interrogatione.	181-184

A “Classis IV” (“De generibus nominum, ac præteritis verborum”) tem 16 páginas e analisa o género dos nomes em Português, no referente quer à sua significação quer à terminação do mesmo, e ainda uma breve reflexão sobre a formação dos pretéritos em Português, por comparação com a multiplicidade de formas em Latim:

Subsellium I	Prænotationes generales circa genus nominum Lusitanæ linguæ.	185-187
Subsellium II	Qualiter apud Lusitanos dignoscantur genera nominum substantivorum ex significatione.	188-191
Subsellium III	Qualiter apud Lusitanos possint innotescere nominum substantivorum genera per terminationem.	191-197
Subsellium IV	De præteritis, ac supinis: gerundiis & participiis verborum.	197-200

Por último, a “classis V” (“De syntaxi; & syllabis linguæ Lusitanæ”), com apenas 31 páginas, apresenta um breve excuroso sobre análise sintáctica, porque, segundo Bento Pereira, “[syntaxim] apud Lusitanos esse brevissimam, & facillimam ex contraria ratione”²⁰ (ibídem: 200) e

hæc tam pauca complectuntur universam syntaxim Lusitanæ linguæ, quam proinde summa facilitate, & absque erroris periculo nationes extræe possunt addiscere, simulque intelligere quantum in hac parte lingua nostra excedat Latinam, in qua innumerabilium præceptorum, & exceptionum

²⁰ ... “[a syntaxe] é para os portugueses, pela razão contrária, muito breve, e muito fácil”

vastitas obruit tyrones, torquet studiosos, & etiam peritissimos quosque exponit errandi periculo²¹ (ibídem: 203),

embora, para o autor, esta não seja uma qualidade intrínseca do Português, por comparação com o Latim, mas de todas as línguas vulgares: “Scio laudem hanc non esse nostræ linguæ peculiarem, sed communem omnibus fere linguis, quæ vulgares sunt, & jam in toto orbe percrebuere”²² (ibídem).

Subsellium I	Se sintaxi, seu compositione orationis apud Lusitanos.	200-204
Subsellium II	De syllabarum linguæ Lusitanæ quantitate quoad penultimas.	204-217
Subsellium III	Expositio penultimarum quæ sunt ante vocales.	218-220
Subsellium IV	De quantitate ultimarum, quæ sunt vocales literæ, quibus terminantur voces Lusitanæ.	220-222
Subsellium V	De quantitate ultimarum syllabarum, quæ desinunt in literam consonantem.	222-230

Entre as páginas 231 e 285, a *Ars Grammaticae* tem um conjunto de frases bilingues, ou acroamas morais, em Português e Latim, sobre as virtudes e os vícios, para a aquisição de vocabulário, tanto por estrangeiros como por portugueses: *Acroamata Moralia, Lusitanicolatina de virtubis, & vitiis: pro acquirenda pia, atque uberi copia Lusitanæ linguæ, tum ab exteris, tum a domesticis*²³ Este excurso tem, na nossa óptica, dois objectivos essenciais: aquisição de vocabulário e a formação moral e religiosa dos leitores. Esta era, efectivamente, a primeira preocupação da Companhia de Jesus, consagrada na *Ratio Studiorum*. O aluno jesuíta, antes de estudar o *trivium* (Gramática, Retórica e Dialéctica), devia dedicar-se dois anos à formação da sua

²¹ “Estas tão poucas [palavras] abrangem toda a sintaxe da língua portuguesa, que, em consequência, podem aprender as nações estrangeiras, com a máxima facilidade e sem perigo de erro, e, ao mesmo tempo, compreender quanto nesta parte a nossa língua excede a Latina, em que a vastidão dos inumeráveis preceitos, e excepções aniquila os aprendizes, atormenta os estudiosos, e também expõe todos os inteligentíssimos ao perigo de errar”

²² “Sei que este elogio não é particular à nossa língua, mas comum a quase todas as línguas, que são vulgares e já se espalharam em todo o mundo”

²³ “Acroamas Morais, Portugueses-Latinos sobre as virtudes e os vícios: para adquirir eloquência piedosa e fecunda de língua Portuguesa, tanto pelos estrangeiros como pelos nacionais”

alma e aos exercícios espirituais. Por isso, embora tal nunca seja afirmado, é possível que a *Ars Grammaticae* de Bento Pereira tivesse como público-alvo os alunos estrangeiros dos colégios dos jesuítas espalhados pelo mundo e em Portugal, em especial os do Seminário dos Jesuítas Irlandeses, de que Bento Pereira era o reitor.

Por último, Bento Pereira apresenta um tratado sobre a ortografia portuguesa em Latim. Ao contrário da crítica de Verney anteriormente citada, trata-se de uma tradução da primeira e da terceira partes das *Regras Gerays Breves, & comprehensivas da melhor ortografia* (Lisboa, 1666), isto é, das regras comuns à ortografia portuguesa e latina (pp. 286-298) e das regras que são específicas da língua portuguesa (pp. 298-323) e não de uma obra original primeiramente escrita em Latim, como se pode comprovar pelas grelhas seguintes comparativas:

<i>Regras Gerays (Lisboa 1666)</i>		<i>Ars Grammaticae (Lugduni 1672)</i>	
<i>Primeyra Parte das regras commuas á lingua Latina, & Portugueza.</i>		<i>Tractatus Prior de regulis quæ sunt communes Linguae Lusitanæ, Latine & aliis.</i>	
Regra 1.	<i>Para se escrever letra grande (1)</i>	Regula I.	<i>Pro scribendo caractere magno. (286)</i>
Regra 2.	<i>Para se não dobrar a letra, nem no principio, nem no cabo da dicçam (3)</i>	Regula II.	<i>Ne dupliciter litera initio, aut fine dictionis. (287)</i>
Regra 3.	<i>Para quando se ha de escrever m ou n. (4)</i>	Regula III.	<i>Quando scribenda sit littera m, vel n. (288)</i>
Regra 4.	<i>Da composiçam das palavras. (5)</i>	Regula IV.	<i>Pro compositione dictionum. (288)</i>
Regra 5.	<i>Para a analogia, & etymologia, ou origem das palavras. (6)</i>	Regula V	<i>Pro analogia, & ethymologia, vel origine dictionum. (289)</i>
Regra 6.	<i>Para a divisam das dições, & syllabas no fim da regra. (9)</i>	Regula VI.	<i>Ut apte dividantur dictiones & syllabæ in fine lineæ, quando hæc capere nequit integras. (290)</i>
Regra 7.	<i>Para a abbreviatura das dicçoens. (10)</i>	Regula VII.	<i>Pro abbreviatura dictionum. (292)</i>
Regra 8.	<i>Para usarmos de virgula, ponto, & virgula, & dous pontos. (13)</i>	Regula VIII.	<i>Pro usu scribendi virgulam, punctum & virgulam, & duo puncta. (293)</i>
Regra 9.	<i>Para usarmos de ponto final, de sinal interrogativo, & admirativo, & de parêntesis. (16)</i>	Regula IX.	<i>Ut recte utamur puncto finali, signo interrogativo, & admirativo, ac parenthesi. (295)</i>

Regra 10.	<i>De outros sinays importantes ao bom escrever. (19)</i>	Regula X.	<i>Pro aliis signis valde conducentibus ad rectam scriptionem. (296)</i>
-----------	---	-----------	--

Regras Gerays (Lisboa 1666)		Ars Grammaticae (Lugduni 1672)	
Terceyra Parte das regras so tocantes á lingua Portuguesa.		Tractatus Posterior de regulis quæ sunt peculiare Lusitanæ, Linguae	
Regra 1.	<i>Fundamental, que como fundamento dá principio ás may's. (28)</i>	Regula I.	<i>Fundamentalis, seu jaciens fundamentum reliquis. (298)</i>
Regra 2.	<i>Para se escrever com distincam. (29)</i>	Regula II.	<i>Pro distinctione in scribendo. (299)</i>
Regra 3.	<i>Para escrevermos as palavras, que sem juntamente Latinas, & Portuguezas, & as que são Latinas aportuguezadas. (31)</i>	Regula III.	<i>Pro scribendis vocibus, quæ simul Latinæ & Lusitanæ sunt: illis etiam quæ Latinis acceptæ Lusitano idiomati conformantur, vulgo dicimus apotuguezadas. (300)</i>
Regra 4.	<i>Para escrever os nomes no plural. (35)</i>	Regula IV.	<i>Pro scribendi Lusitanis nominibus in numero plurali. (302)</i>
Regra 5.	<i>Para os diptongos. (39)</i>	Regula V.	<i>Pro diphthongis Lusitanæ linguae scribendis. (304)</i>
Regra 6.	<i>Para o dobrar das letras, ou sejam vogays, ou consoantes. (43)</i>	Regula VI.	<i>Pro duplicandis literis sive vocales, sive consonantes sint. (305)</i>
Regra 7.	<i>Para se usar na escritura das letras consoantes, que sendo diversas tem semelhante toada. (47)</i>	Regula VII.	<i>Pro scriptione diversarum consonantium, quæ cum sint diversæ, reddunt eundem sonum. (307)</i>
Regra 8.	<i>Para escrevermos aspiraçam, ou h, na lingua Portuguesa. (53)</i>	Regula VIII.	<i>Pro scribenda aspiratione, seu litera H in lingua Lusitana. (310)</i>
Regra 9.	<i>Para conhecermos os accentos, & viracentos, & usarmos delles. (57)</i>	Regula IX.	<i>Pro scriptione & usu illorum signorum quæ dicimus accentus, & vira[c]centus. (312)</i>
Regra 10.	<i>Para usar de til. (64)</i>	Regula X.	<i>Pro usu apicis, quem vulgo dicimus til. (315)</i>
Regra 11.	<i>Para se usar das letras, i, u, quando sam vogays, & quando sam consoantes. (69)</i>	Regula XI.	<i>Pro usu harum literarum ij, uv, quænam sint vocales: quænam consonantes. (318)</i>
Regra 12.	<i>Para quando devemos usar do nosso ypsilon Portuguez, & quando do ypsilon Grego. (73)</i>	Regula XII.	<i>Pro convenienti usu scriptionis in Ypsilo Lusitano, & Ypsilo Græco.</i>

			(320)
Regra 13.	<i>Para se usar do ç, que tem plica por bayxo. (76)</i>	Regula XIII.	<i>Pro usu huius literæ ç quæ infra habet plicam. (321)</i>
Regra 14.	<i>Quando se usará das vozes, per, por, pelo, polo. (78)</i>	Regula XIV	<i>Pro usu, & scriptione harum vocum per, por, pelo, polo. (322)</i>

4. CONCLUSÃO

Havia mais de 135 anos que a gramática portuguesa começara os seus primeiros passos, com a *Grammatica da lingoagem portugueza* de Fernão de Oliveira (Lisboa, 1536) e a *Grammatica da lingua portugueza* de João de Barros (Lisboa, 1540), algumas obras sobre a ortografia do Português, como as *Regras que ensinam a maneira de escrever e a orthographia da lingua portuguesa* de Pe[d]ro de Magalhães Gândavo (Lisboa, 1574) e a *Orthographia da Lingoa Portuguesa* de Duarte Nunes de Leão (Lisboa, 1576), de cariz histórico, como a *Origem da Lingoa portuguesa* de Duarte Nunes de Leão (Lisboa, 1606), e gramáticas latinas, como a *De Institutione Grammatica Libri Tres* de Manuel Álvares (Lisboa, 1572) e o *Methodo Grammatical para todas as linguas* de Amaro de Roboredo (Lisboa, 1619), em que, por exemplo, se entabulam algumas análises contrastivas entre o Português e o Latim, mas não temos conhecimento da existência de qualquer outra gramática portuguesa especialmente vocacionada para o ensino desta língua para estrangeiros.

A *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda Latino idiomate proponitur* (Lugduni, 1672) de Bento é uma obra sistémica bastante completa, expositiva, abrange todas as partes tradicionais da gramática (fonética, morfologia e sintaxe) e ainda têm um excursu bilingue (Português-Latim) com frases que poderiam ser empregues, para além da formação moral dos jovens, para exercícios de tradução (ou retroversão), e ainda a primeira e a terceira parte das *Regras geraes, breves e comprehensivas da melhor orthographia* (Lisboa, 1666), para facilitar e uniformizar a ortografia de ambas as línguas, mas particularmente do Português.

Os jesuítas tinham colégios em todo o mundo e, por isso, sentiam necessidade de uma obra que pudessem ensinar a língua de Camões a todos os estrangeiros que a quisessem aprender, para facilitar o co-

mércio com os portugueses e a evangelização dos povos “bárbaros”. Foram fundamentalmente estes dois motivos que levaram o alentejano Bento Pereira a escrever aquela que consideramos a primeira gramática de Português como língua estrangeira, precisamente cem anos depois da *De Institutione Grammatica Libri Tres* (Lisboa, 1572) do também jesuíta Manuel Álvares, obviamente na língua franca da época: o Latim.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvará Régio sobre a ordenação das classes de Latinidade, de 30 de Setembro de 1770 (9 de Outubro de 1770), Lisboa, *Regia Officina Typográfica*, na *Chancellaria Mór da Corte, e Reino*.
- ASSUNÇÃO, C. E., FERNANDES, G. (2007): “Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didáctica das línguas e nos estudos linguísticos”, A. de Roboredo: *Methodo Grammatical para todas as Línguas*, Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de C. Assunção e G. Fernandes, Vila Real, Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Coleção Linguística, 1. XI-CII.
- FERNANDES, G. (2002): *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*. Tese de Doutoramento. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- FONSECA, M.^a C. (2006): *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária: Preposições e Posposições no Século XVII*, Lisboa, Edições Colibri, Coleção “Estudos e Ensaios”, 1.
- GOMES, J. PEREIRA (1944): “Verney e o Jesuíta Bento Pereira”, *Brotéria*, vol. XXXVIII, 647-653.
- GONÇALVES, M.^a F. (1998): *As ideias ortográficas em Portugal —da etimologia à reforma (1734-1911)*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.
- GONÇALVES, M.^a F. (2003): *As ideias ortográficas em Portugal —De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- LOBATO, A. J. (2000[1770]): *A arte de grammatica da lingua portugueza*, Edição crítica de Carlos Assunção, Lisboa: Academia das Ciências.
- PEREIRA, B. (1666): *Regras Gerays, breves, e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, e Portugueza, para se ajuntar á Prosodia*, Lisboa, Domingos Carneiro.
- PEREIRA, B. (1672): *Ars Grammaticae pro Lingua Lusitana addiscenda Latino Idiomate proponitur, in hoc libello, velut in quadam academiola divisa in quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispersitis, ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint. Ac finem ponitur Orthographia, ars recte scribendi, ut sicut prior docet recte loqui, ita*

posterior doceat recte scribere linguam Lusitanam. In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent, Ludguni, Sumptibus Laurentii Anisson.

- PONCE DE LEÓN ROMEO, R. (1996): "La pedagogía del latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII: cuatro gramáticos lusitanos", *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, Madrid, Servicio de Publicaciones U.C.M., n.º 10, 217-228.
- PONCE DE LEÓN ROMEO, R. (2000): *Aproximación a la obra de Manuel Álvares: Edición Crítica de sus De Institutione Grammatica Libri Tres, Tomo I, Estudio Preliminar*, Tese de Doutoramento, Madrid, Departamento de Filología Latina da Facultad de Filología da Universidade Complutense.
- PONCE DE LEÓN ROMEO, R. (2001): "En Álvarez en Vernáculo: Las Exégesis de los *De Institutione Grammatica Libri Tres* en Portugal durante el Siglo XVII", *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*, Porto, II Série, Vol. XVIII, 317-338.
- PONCE DE LEÓN ROMEO, R. (2005): *Aproximación a la obra de Manuel Álvares. Edición crítica de sus "De institutione grammatica libri tres"*, Madrid, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, 1. CD-Rom.
- PONCE DE LEÓN ROMEO, R. (2006): "Un capítulo de la historia de las ideas sintácticas en Portugal: en torno a la teoría sintáctica del *Ars grammaticæ pro lingua lusitana addiscenda* (Lyon, 1672) de Bento Pereira (S. I.)", *Forma y función*, Bogotá, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad Nacional de Colombia, 19, 11-30.
- SÁNCHEZ PÉREZ, A. (1992): *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*, Madrid, Sociedad General Española de Librería.
- SCHÄFER-PRIESS, B. (1993): "Die Verbalmodi in den Grammatiken von Manuel Álvares (1572) und Bento Pereira (1672)", *Historiographia Linguistica*, 20, 2/3, 283-308.
- TORRES, A. (1998): *Gramática e Linguística: Ensaios e Outros Estudos*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia —Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Linguísticos.
- VERDELHO, T. (1982): "Historiografia e reforma do ensino: a propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marques de Pombal" *Bri-gantia*, Vol. II, 4: 347-360.
- VERDELHO, T. (1993): "Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira", *Actes du XX.e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Zurique, 6-11 de Abril de 1992)*, Tübingen et Basel, A. Francke Verlag, 778-785.
- VERDELHO, T. (1995): *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*, Aveiro, INIC.
- VERNEY, L. A. DE (1949-1952[1747]): *Verdadeiro Método de Estudar*, Lisboa, Clássicos Sá da Costa.